

do, repreendiam a petizada, mas o Mestre chamava novamente os pequenos, acariciando-os, cheio de amor...

Nesse ponto, Dolores, a menorzinha do grupo, interrompeu a narrativa, perguntando:

— Vovô Cipião, Jesus contava histórias aos meninos?

— Oh! Como não? — exclamou o bondoso velho — Contava muitas...

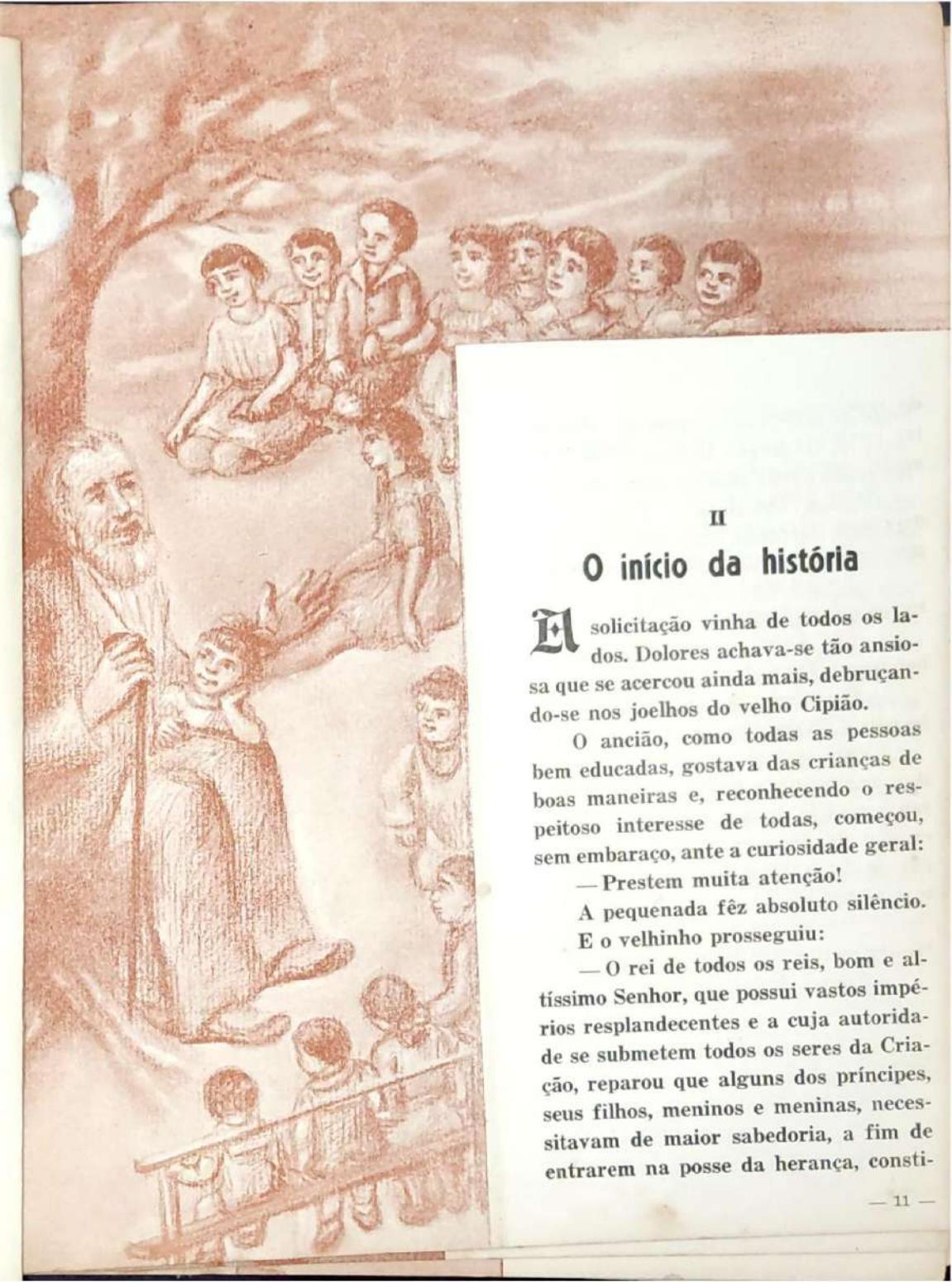
— O senhor sabe alguma, vovô? — tornou a pequenina curiosa.

Cipião, trêmulo, amparou-se no antigo cajado para melhor acomodar-se sob a copada árvore da praça grande, ergueu de novo os olhos embaciados para o céu muito azul da tarde brilhante e respondeu:

— Sim, eu sei uma história que o Mestre contou aos meninos galileus...

— Conte! conte!...

— /// —



II

O início da história

Es solicitação vinha de todos os lados. Dolores achava-se tão ansiosa que se acercou ainda mais, debruçando-se nos joelhos do velho Cipião.

O ancião, como todas as pessoas bem educadas, gostava das crianças de boas maneiras e, reconhecendo o respeitoso interesse de todas, começou, sem embaraço, ante a curiosidade geral:

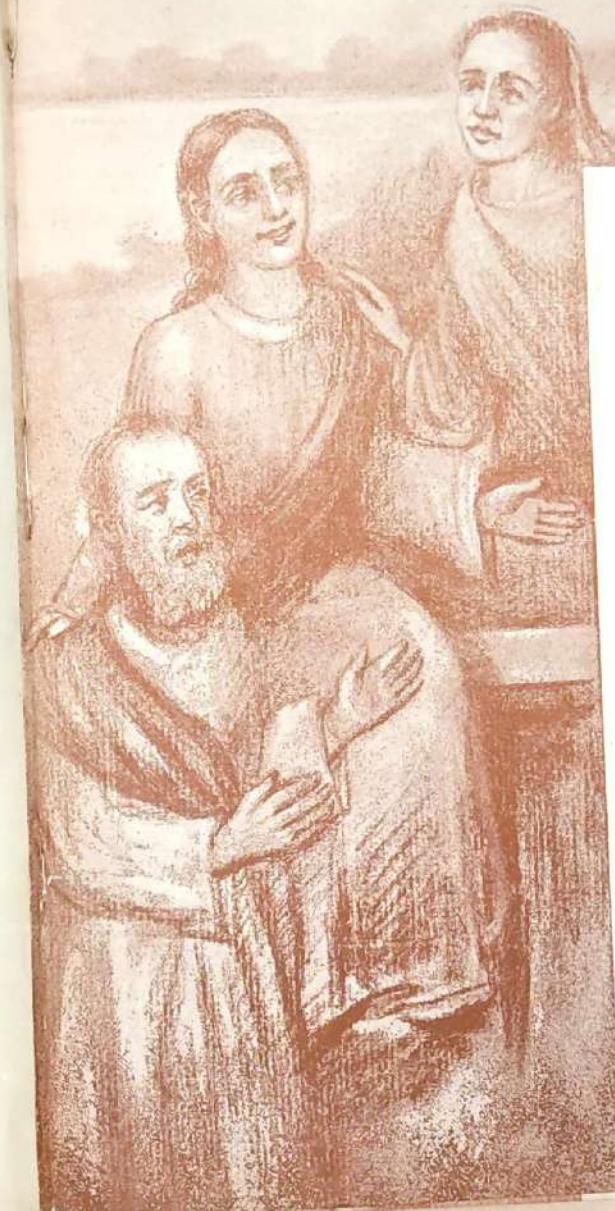
— Prestem muita atenção!

A pequenada fêz absoluto silêncio. E o velhinho prosseguiu:

— O rei de todos os reis, bom e altíssimo Senhor, que possui vastos impérios resplandecentes e a cuja autoridade se submetem todos os seres da Criação, reparou que alguns dos príncipes, seus filhos, meninos e meninas, necessitavam de maior sabedoria, a fim de entrarem na posse da herança, consti-

tuida de infinitas riquezas que lhes reservava. Os jovens tinham a inteligência muito verde ainda e, por isso, eram ignorantes, indecisos... Fazia-se necessário, portanto, criar trabalho através do qual os herdeiros felizes pudessem adquirir, não sómente o amor para com os semelhantes, mas também a ciência do Universo. O rei magnânimo e sábio, ocupado em governar os extensos domínios do seu reino sem fim, não podia mantê-los ao pé de si, uma vez que não desejava conservá-los como bonequinhos de enfeite e, sim, como filhos fortes e bem orientados, trabalhadores e leais. Para isso, os jovens precisavam de elevação própria e experiência da vida.

— // —



III

Ouvindo os Conselheiros

○ narrador fêz pequeno intervalo e prosseguiu:

— Foi então que o poderoso Senhor convocou a presença dos filhos mais velhos, sábios e bons, transformados em cooperadores e conselheiros de suas imensas obras, a fim de ouvi-los sobre o futuro destino dos principezinhos ignorantes.

Exposto o assunto pelo soberano, os colaboradores começaram a opinar com alegria:

— Não seria interessante criar um paraíso repleto de belezas absolutas? — disse um deles.

Outro, porém, considerou:

— Não seria melhor um jardim cheio de flores, onde os jovens crescessem tranquilamente?

— Não poderíamos construir um